
Rua Guarani: Um experimento etnográfico

Guarani Street: an ethnographic experiment

Ernesto Mifano Honigsberg e Gabriel Neistein Lowczyk



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/12706>

DOI: 10.4000/pontourbe.12706

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Refêrencia eletrónica

Ernesto Mifano Honigsberg e Gabriel Neistein Lowczyk, «*Rua Guarani: Um experimento etnográfico*», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 28 dezembro 2022, consultado o 29 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/12706> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.12706>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 dezembro 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Rua Guarani: Um experimento etnográfico

Guarani Street: an ethnographic experiment

Ernesto Mifano Honigsberg e Gabriel Neistein Lowczyk

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 30/08/2022 / Original Version 30/09/2022

Aceitação / Accepted 30/11/2022

Introdução e Metodologia

- 1 A presente etnografia consiste numa observação do espaço e dinâmicas urbanas da Rua Guarani, no bairro do Bom Retiro, ao longo de algumas semanas no primeiro semestre de 2021.
- 2 A escolha desta rua em particular se deu por conta da diversidade de seus espaços. Ao longo dos seus cinco quarteirões encontramos lugares frequentados pelos distintos grupos que habitam e trafegam pelo bairro: desde pequenas vendinhas e restaurantes dos coreanos, onde os funcionários mal falam português até o novo e imponente shopping 'K-Square', com franquias de fast food, lojas e espaço de *coworking* cobertas por uma grande fachada de vidro espelhado. Mais adiante encontramos a mercearia Empório Brasil-Israel, apelidada de 'Seu José', que há mais de 50 anos no local vende comidas judaicas tradicionais do leste europeu. Existem ainda os espaços dos nordestinos, como os "bares-padocas", que estão presentes em quase todas as esquinas da rua e do bairro, o restaurante paraguaio-guaraní 'Tembi'u' ou a icônica 'Toca do Boi', que além de mercearia, oferece serviços de chaveiro, eletricista, e ainda abriga algumas máquinas de caça-níquel.

- 3 É interessante observar como certos estabelecimentos vêm se modernizando entrando em contraste com negócios mais tradicionais e que já estão estabelecidos há décadas. Mais do que analisar os lugares separadamente, o objetivo será buscar interpretar - ou pelo menos observar - a coexistência desses espaços tão distintos numa mesma rua e a forma com que eles (ou talvez, as pessoas que os frequentam) interagem de maneira orgânica sem revelar - num primeiro olhar - grandes contradições aparentes.
- 4 Importante explicitar, de saída, o lugar de onde partem os autores deste texto, moradores do Bom Retiro e judeus, descendentes de imigrantes que, em meados do século passado, encontraram nesse bairro um local de refúgio para as mazelas que viveram em outras partes do mundo. Evidentemente que essa vinculação afetiva-familiar com o bairro, bem como o envolvimento em espaços sociais e culturais da região hoje em dia, direcionaram e enviesaram nossa observação, curiosidade, interesses e focos. Ainda assim, sem deixar de lado essas familiaridades prévias, buscamos também uma abertura a novas reflexões e percepções que pudessem surgir nos dias de campo, procuramos encarar o campo com um olhar aberto e com espaço para o inesperado.
- 5 Por isso, para essa observação escolhemos o momento da quinta-feira pela manhã quando acontece a feira na Rua Antônio Coruja, que cruza a Guarani. Nesse dia, as pessoas saem de seus espaços particulares para as ruas, trocando e interagindo nesse lugar comum da feira, para depois retornar novamente a seus pontos de saída. Buscamos aqui apresentar produtos narrativos de nossos passeios etnográficos: relatos de nossas caminhadas pela rua, trechos de nossas interações, observações sobre as construções, e enquadramentos no exercício fotográfico, direcionadas para aspectos que nos despertaram interesse ou inquietude. Incluímos breves interpretações e análises preliminares à luz dessas trajetórias. Vale pontuar: em um momento de contexto pandêmico, sendo essa uma época das primeiras saídas mais longas à rua depois de mais de um ano de isolamento - o que de certa forma favoreceu um olhar mais curioso e menos naturalizado para a rua e o bairro. Ainda, a escrita deste ensaio se deu à luz de textos lidos e debates realizados no curso da disciplina “Práticas Culturais em Contexto Urbano”, com o Prof. José Guilherme Cantor Magnani em 2021, que enriqueceram enormemente as reflexões para a realização desta.
- 6 Pautamos nossa leitura sobre a Rua Guarani através do percurso de seus espaços livres voltados aos pedestres e dos estabelecimentos comerciais, de serviço e institucionais com fachadas que se voltam diretamente para o espaço público, bem como uma observação e interação com as pessoas que os frequentam. Através da percepção sobre a forma da urbanidade desta via em julho de 2021, tentamos compreender as problemáticas que se relacionam com a diversidade étnico-cultural, e seus reflexos nas diferentes camadas temporais de ocupação do território, visíveis através das formas mais tradicionais ou mais modernizadas de suas construções. Chama-nos a atenção de como a heterogeneidade dos lugares e pessoas da rua se apresentam hoje justapostos em uma realidade urbana orgânica, que por um olhar passageiro não aparentam conflitos e contradições.
- 7 Privilegiamos, ainda, a observação de personagens do bairro – sem buscar uma visão que abarque ou “explique” a rua como um todo –, uma vez que na riqueza e diversidade de seus espaços e pessoas, não vimos espaço para visões totalizantes. Nesse sentido, Magnani (2012), foi uma importante referência no entendimento da complexidade e amplas possibilidades da investigação antropológica urbana:

A presença de imigrantes, visitantes, moradores temporários, refugiados e de minorias; de segmentos diversificados com relação a orientação sexual, necessidades especiais, identificação étnica ou regional, preferências culturais e crenças; de grupos articulados em torno de opções políticas e estratégias de ação contestatórias ou propositivas e de segmentos marcados pela exclusão – toda essa diversidade leva a pensar não na fragmentação de um multiculturalismo difuso, mas na possibilidade de sistemas de trocas em outra escala, com parceiros até então impensáveis, ensejando arranjos, iniciativas, experiências e conflitos de diferentes matizes. (2012, p. 185)

- 8 O autor faz uma defesa da perspectiva de modular o olhar para a cidade, a rua, o bairro, trazê-lo para perto e dentro, buscando entender “padrões de comportamento – não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre, por meio dos seus criativos arranjos, na paisagem da cidade e em diálogo com seus equipamentos.” (idem, p. 185). Cuidando também para que este olhar não esteja nem tão de perto a ponto de se confundir com a perspectiva particular de cada um; mas também não tão de longe a ponto de cair num recorte genérico e sem “rendimento explicativo”. Enxergar a cidade não como totalidade, mas como múltipla; sem cair, por outro lado, na tentação de tratá-la como aldeia. Eis o desafio apresentado pelo autor e que tentamos incorporar na presente observação.
- 9 Jung Yun Chi (2016), apoiando-se em estudos como o de Truzzi (2001), apresenta a noção de *enclave étnico*, cara a nós para se pensar a dinâmica do bairro. Esse conceito, oposto à ideia do gueto, evidencia a capacidade das diversas culturas que ocupam o território conviverem e interagirem lado a lado sem fortes tendências segregacionistas - o que não exclui dessa dinâmica interna os conflitos, disputas e contradições - nem assimilacionistas, isto é, os grupos mantêm seus hábitos culturais variados em um espaço compartilhado sem que haja uma descaracterização de cada uma dessas culturas. É importante compreender essas diferentes ondas migratórias que ocupam o bairro hoje numa perspectiva temporal, dos diferentes momentos e estágios em que cada comunidade se encontra hoje.
- 10 Por fim, foi muito importante para nós, na estadia em campo e em posterior análise, o uso da fotografia e da filmagem (ver referências bibliográficas). Nesse sentido, segundo Novaes (2014), em reflexão sobre o uso de imagens na etnografia,

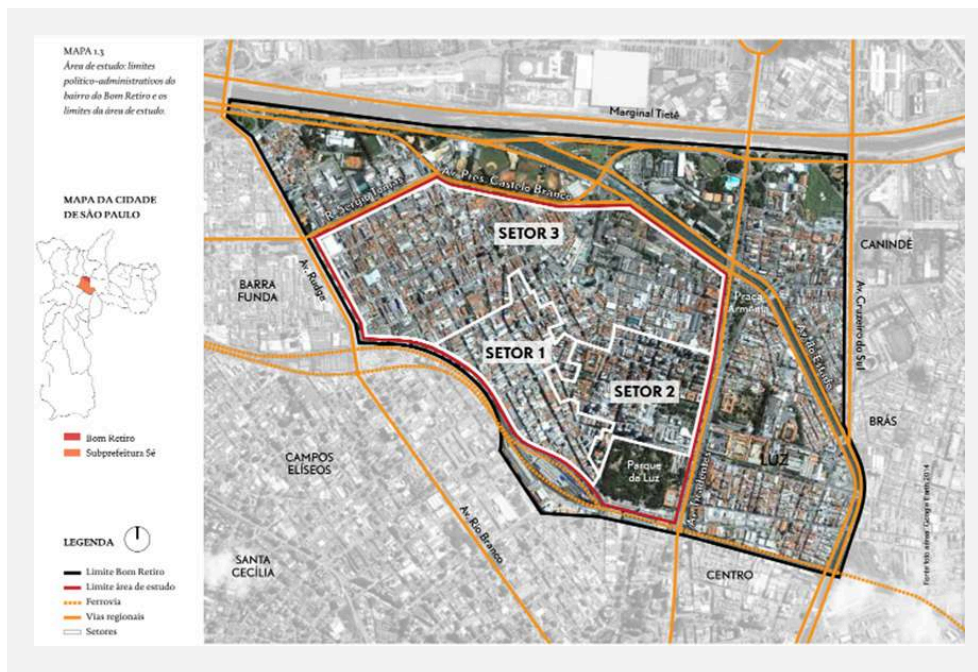
[a fotografia] instiga o olhar e de certo modo implica uma desnaturalização do olhar. A fotografia diz sem dizer, ela incita por outro lado, inúmeros comentários sobre o que ela evoca, sem necessariamente mostrar visualmente. Talvez exatamente por ser mítica, por se recusar a falar, como diz Sylvain Maresca, a fotografia nos forneça algo que nos faz aprender e nos leva a descobrir. (Maresca, 2012: 39). (2014, p. 61).
- 11 Na visão da autora, diferentemente do texto verbal, que constrói conhecimento por um processo descritivo, a fotografia o faz por meio da *familiarização*. A presença simultânea de um conjunto de elementos - oposta ao texto construído palavra por palavra -, traz sensações visuais que chegam juntas, evocando a presença e desencadeando essa familiarização com o espaço retratado. Ainda que algumas das imagens apresentadas em nosso experimento tenham sobretudo função ilustrativa, foi em exercício posterior de observação e reconhecimento do conjunto dessas fotografias feitas em campo que realizamos importantes descobertas, observações e sínteses que nos escaparam no momento de campo, e estão aqui expostas.

Desenvolvimento

- 12 Antes de adentrar os espaços e narrativas abarcadas pela Rua Guarani, se faz necessário situar esse recorte em relação à cidade de São Paulo. O Bom Retiro está a dois quilômetros ao norte do marco zero da Sé, situado entre as várzeas do Rio Tietê e Tamandateí e com grande proximidade da malha ferroviária, demarcada na paisagem pelas torres da Estação da Luz e da Estação Júlio Prestes. É neste lugar aonde chegavam os trens vindos do porto de Santos carregados de imigrantes estrangeiros. Nessa proximidade, o Bom Retiro tem sua população composta por sucessivas ondas migratórias desde o final do século 19: italianos, judeus do leste europeu, gregos, turcos, sul-coreanos, nordestinos de vários estados, e mais recentemente bolivianos, paraguaios e sírios. Esta identidade étnica mutante, segundo Feldman (2013) pode ser reconhecida através das inúmeras teias sociais articuladas no bairro:

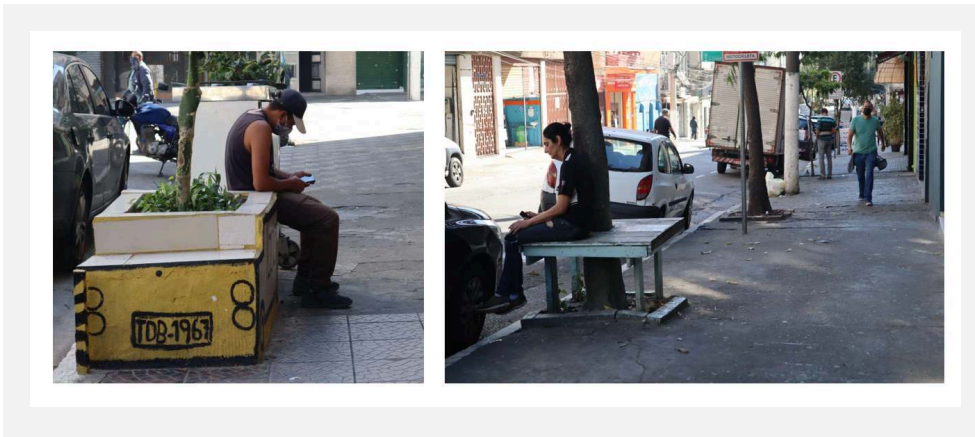
(...) a completude da cadeia de indústria e comércio de confecções instalada no bairro, ao mesmo tempo em que induz que o bairro passe a ser identificado como bairro “dos judeus” ou bairro “dos coreanos”, não promove a homogeneização do Bom Retiro. Muito pelo contrário, se agrega e se articula à densa tessitura preexistente no bairro: grandes indústrias e pequenos negócios por conta própria, diferentes grupos étnicos e sociais, alta concentração de cortiços, intensa vida associativa, com clubes sociais, entidades sindicais, escolas. (FELDMAN, 2013, p.1).

- 13 Ainda segundo a leitura de Chi (2016), o bairro do Bom Retiro está dividido em três setores: o primeiro é o do polo têxtil, onde estima-se que é produzida 55% da moda feminina no Brasil, com mais de 1.400 estabelecimentos com fabricação própria; o segundo, é descrito pela autora como o ‘Alto Bom Retiro’, que abriga os equipamentos institucionais e edifícios verticalizados de uso misto de residências, comércio e serviços; por fim, o terceiro setor é o do ‘Baixo Bom Retiro’, mais próximo à várzea do Tietê, de menor densidade habitacional, com padrões residenciais mais modestos e vestígios industriais.



Mapa 1: Área de estudo limite político-administrativos do bairro do Bom Retiro. Fonte: Chi (2016)

- 14 A rua Guarani está localizada no segundo desses setores, o ‘*Alto Bom Retiro*’, eixo principal de moradia, comércio e serviços. No entanto, esta rua se situa ‘nas costas’ da principal via deste setor, a rua Três Rios, escolhida em 2021 por uma revista britânica como a 7ª rua mais “cool” do mundo¹. Lá estão concentrados os intensos fluxos urbanos que o bairro abriga, envolvendo pessoas de outras partes da metrópole. Nesse eixo central, estão localizados os principais edifícios institucionais, como o Colégio Santa Inês, Oficina Cultural Oswald de Andrade (antiga Escola de Enfermagem da USP e EMESP), Instituto Dom Bosco, Casa do Povo e que desemboca diretamente na Praça Coronel Fernando Prestes, onde estão localizados o Quartel Geral da Polícia Militar de São Paulo, Arquivo Municipal (antiga Escola Politécnica), Centro Paula Souza e o Metrô Tiradentes. A Guarani, por sua vez, é menos “turística”, isto é, mais voltada à circulação de moradores do bairro que trafegam em seus cotidianos e que em muitos casos se apropriam dos lugares públicos como espaços de convívio. Isso acontece com algumas exceções que vêm surgindo, como o shopping ou alguns dos restaurantes mais novos, mas na maioria dos casos vemos que os comércios e serviços da rua tendem a ser voltados para dentro em uma atitude ‘antimoderna’, muitas vezes com portas fechadas ou grades na porta, exigindo que a pessoa conheça o lugar previamente para acessá-lo; na rua Três Rios, por outro lado, os estabelecimentos tendem a ter portões abertos, fachadas e vitrines bastante chamativas. Neste sentido, com as atenções voltadas à rua Três Rios, vimos na Guarani uma oportunidade de melhor conhecer as dinâmicas locais do bairro e uma experiência possivelmente menos maquiada do Bom Retiro. A partir disso, começamos nossas caminhadas etnográficas, que a seguir relatamos com o apoio das fotografias, e já antecipando algumas das reflexões que propomos.



Imagens 1 e 2: Apropriações dos espaços livres, a Rua Guarani como lugar de se estar. Arquivo pessoal. Jul/2021.

Relatos/análises *fragmentárias* de campo

Tobogã

- 15 Quando saímos para nosso primeiro passeio de campo, deparamo-nos com uma imobiliária com as placas escritas em português e coreano, bem como a presença de uma *mezuzá*² na porta, o que despertou nossa atenção porque o estabelecimento possuía simultaneamente símbolos judaicos e coreanos. Paramos um minuto para olhar, e nesse momento, chegou um homem, com máscara do Corinthians. A figura é

apelidada Tobogã, muito conhecedor e conhecido no bairro, figura constante da região por pelo menos seis décadas.

- 16 Sobre as placas em coreano na porta de sua imobiliária, não deu muita importância, disse que “*só são o mesmo que em português*” e que ele foi “*o primeiro a ter [sic] um coreano trabalhando, há mais de 20 anos já*”.
- 17 Convidou-nos a entrar e visitar o escritório dele. Diferentemente do resto da loja, lá não havia nada em coreano, mas sim uma sala repleta de símbolos judaicos e objetos mnemônicos nas paredes: muitas fotos de seu passado futebolístico (“o melhor jogador de futebol de campo judeu”, segundo o próprio), os feitos do filho, recortes de jornal, fotos dos pais e da filha, e assim por diante.

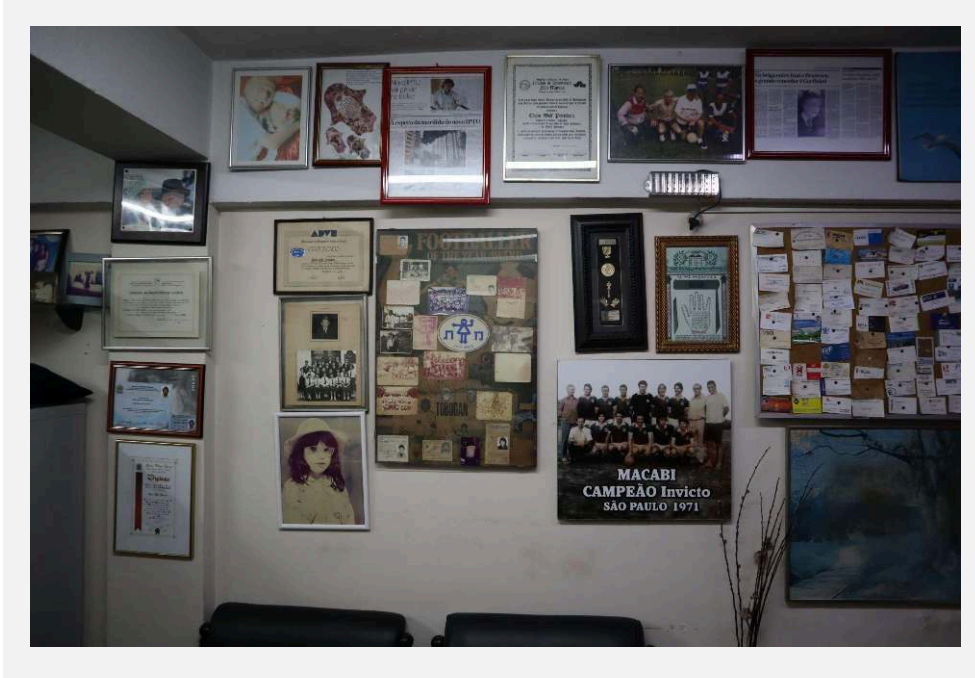


Imagem 3: Parede do escritório com miscelâneas de fotografias, certificados. Arquivo pessoal. Jul/2021.

- 18 Ficou uma hora contando histórias sobre si mesmo, a família e o bairro, enquanto recebia, quase com displicência, funcionários e pessoas que o buscavam para atividades cotidianas: funcionários com dúvidas ou tarefas de trabalho, um cliente que vinha pagar aluguel (“*pobre é muito melhor que milionário*”, disse depois que ele saiu), um entregador de cartuchos de impressão. Ele parecia conhecer tudo e todos no bairro, segundo ele, ou já havia jogado futebol, ou já havia feito negócio com o bairro todo. Essa sensação de conhecer esse “Bom Retiro todo”, na concepção dele, surge de seu amplo reconhecimento principalmente dos judeus que vivem ou já viveram ali. Sua fala sobre memórias, bem como sobre outros judeus que viveram a juventude no bairro nos anos 60 e 70, carrega uma forte carga nostálgica, de um bairro que já não é aquilo que foi no passado.

Silvestre



Imagens 4 e 5: A Toca do Boi, fotografia interna e externa. Arquivo pessoal. Jul/2021.

- 19 Proprietário do “Toca do Boi” e do chaveiro “Anjo do Bom Retiro”, além de eletricitista, pedreiro e pintor – com todos esses espaços funcionando no mesmo lugar –, Silvestre é nordestino, de Caruaru (PE) e chegou aqui em 1981. Disse que naquela época o bairro estava cheio de gregos, italianos, judeus e nordestinos. Segundo ele, o bairro tinha mais de sete forrós e hoje não tem mais nenhum, porque os nordestinos foram quase todos para São Miguel ou Guarulhos. Depois foram chegando os coreanos, que viraram donos dos negócios; e depois os bolivianos e paraguaios, que antes *“eram escravos dos coreanos”*, mas hoje já têm seu espaço. Relata que *“todo mundo dizia que os bolivianos eram sujos e não sei o quê, e que não tem nada a ver, que são melhor que muitos de nós, hoje já tem um monte de estilista e gente fazendo sucesso”*. Ele tem dois gatos, ‘Mingau’ que estava dormindo na balança de comida, e outro preto ‘Satanás’ que estava dormindo no fogão em frente à loja. Ele passa boa parte do dia sentado num banco-canteiro em frente à loja com um cactus que ele mesmo plantou. Dentro da toca, há uma bandeira do pernambucano e esculturas do boi-bumbá, em meio a uma colagem muito curiosa de elementos decorativos de futebol e placas com frases humorísticas-espirituosas, além de produtos que vão de chaveiros a molhos de pimenta, sacos de feijão, batatas frescas, cachaças e infusões, recriando o cenário de uma bodega pernambucana no centro de São Paulo. Disse também que quando chegou do Nordeste, desceu da carona na avenida Duque de Caxias, se tivesse andado para o lado do Brás estaria lá até hoje, como veio para o Bom Retiro, ficou por aqui - na última quadra da rua Guarani.

Tembi'u

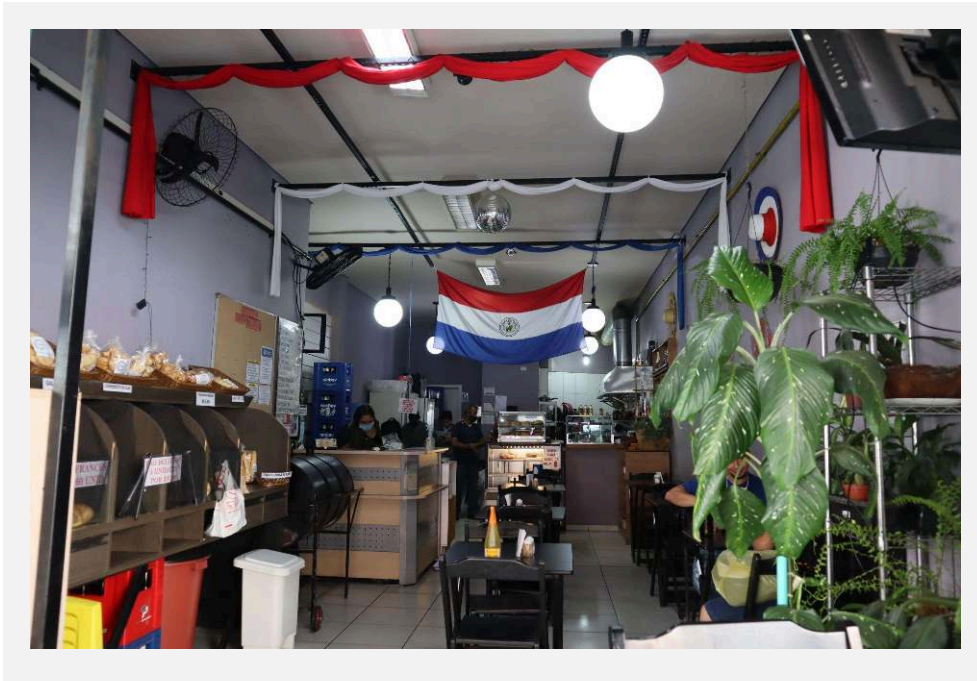
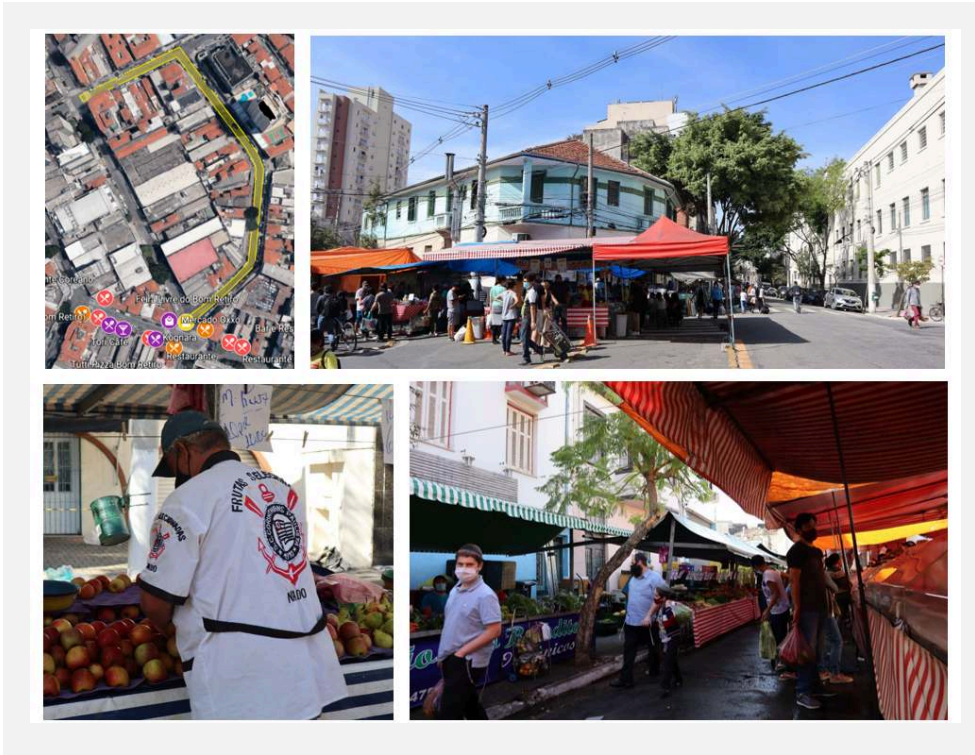


Imagem 6: O interior do Tembi'u. Arquivo pessoal. Jul/2021.

- 20 Ao lado do “Toca do Boi” há um restaurante paraguaio chamado Tembi'u, termo que significa “comida” em guarani, idioma nacional paraguaio que dá também nome a rua. Alí encontramos comidas típicas, *cañita*, um tipo de cachaça paraguaia, e um pãozinho mais barato que o das demais padarias do bairro. Há uma grande bandeira do Paraguai logo na entrada, e pelo que conversamos, os funcionários que não são paraguaios vêm do Peru ou do Mato Grosso – mas todos falantes de espanhol. Além de restaurante/padaria/boteco, o lugar também funciona como lan-house, xerox e cabine de telefone para ligações internacionais, sendo o único estabelecimento da rua administrado pela população hispano-americana, o que aponta para o estabelecimento de raízes no território desta mais recente onda migratória. Aos fins de semana, alguns se reúnem por lá como se fosse uma reunião informal dentro da casa, ao ponto de ter havido certo estranhamento, silêncio repentino (como se de repente lembrassem que aquilo era uma loja “pública”), com nossa entrada lá para tomar uma dose de cachaça.

A feira



Mapa 2: Traçado da Feira Livre do Bom Retiro. (NEISTEIN, 2022) Imagens 7, 8 e 9: O encontro da feira com a Rua Guarani, cenas de seu interior. Arquivo pessoal. Jul/2021.

- 21 As relações do bairro não são marcadas necessariamente por um quadro freyriano de harmonia e de admiração de um grupo/etnia pela outra; pelo contrário, há um constante tensionamento na presença e relações entre diferentes grupos de imigrantes – e a feira acaba sendo um dos principais espaços-momentos onde todos os grupos estão trocando e interagindo, comprando, vendendo, conversando, circulando. Um trabalhador da feira, por exemplo, disse que o mais tem por lá é judeu e coreano, e que “os coreano são os mais cabeça, vem pra cá, criam os negócios e roubam emprego de nós daqui”. Na semana seguinte, um vendedor que usava uma blusa do Corinthians queria me vender bananas e um de nós, que não precisava de bananas, disse brincando “*não compro de corintiano*”. O feirante, que não soube levar o comentário na brincadeira, pensou um pouco e gritou de longe “*se vocês já fizeram o que fizeram com Jesus, imagina o que não fazem com corintianos*”. A primeira reação foi de espanto, pelo absurdo ou desnecessariedade do comentário, mas principalmente por como ele havia identificado que éramos judeus – a princípio, não há traços tão marcantes para que alguém possa reconhecer nosso pertencimento judaico só de olhar para o rosto. Depois, concluímos que ele achou isso porque nós dois estávamos ocasionalmente andando de boné, como é hábito de vários judeus do bairro para proteger ou não deixar a mostra seus solidéus³ - o que foi uma coincidência, dado que nenhum de nós faz o uso dessa indumentária religiosa fora de espaços religiosos judaicos. Este momento, contudo, serviu para nos posicionar não só como elementos externos, observadores, flanantes daquela situação, mas, evidentemente, como pessoas que participam e interferem nesses mesmos processos e espaços que estamos tentando observar e interpretar como pertencentes a um dos grupos étnicos do bairro; e que nosso papel de fazer uma observação enquanto fazemos compras na feira não é alheio à dinâmica do bairro.

Estabelecimentos coreanos



Imagens 10 e 11: Interior de dois restaurantes coreanos. Arquivo pessoal. Jul/2021.

- 22 Dos espaços do bairro, os estabelecimentos coreanos mais tradicionais foram aqueles de mais difícil acesso à nossa observação. A primeira barreira foi linguística: diferentemente do espanhol dos bolivianos/paraguaios/peruanos, o coreano não nos possibilita conversar e interagir com facilidade, e boa parte deles, especialmente os mais velhos, não dominam o português (ainda que em alguns estabelecimentos houvesse trabalhadores brasileiros que serviam de intérpretes). Nos restaurantes, tivemos a impressão de que não queriam nos atender, chegávamos e ouvíamos sempre algo como “*não tem cardápio em português*”, “*a comida aqui é muito apimentada*” e o derradeiro “*tudo tem carne*”, o que fazia com que nós, vegetarianos, tivéssemos que sair sem provar as comidas típicas, quando encontramos e resolvemos pedir uma comida coreana “sem carne”, ela veio com peixe. Outra vez, tentamos comprar cogumelos num mercadinho vizinho, mas não fomos compreendidos; apontamos então para um funghi seco e como resposta ouvimos duas mulheres tentando nos decifrar conversando em coreano e depois apontando para uma geladeira e repetindo “*peixe? peixe?*”, então tivemos que ir embora de mãos vazias. Muitos dos restaurantes e até cabeleireiros dos coreanos da Guarani deixam apenas uma pequena fresta da entrada aberta, alguns outros possuem grades na porta, e você precisa tocar uma campainha ou chamar alguém para abrir – todos esses empecilhos demonstram espaços relativamente fechados, e voltados quase exclusivamente para uma clientela também coreana.
- 23 Percebemos que os estabelecimentos coreanos que visitamos na Rua Guarani contrastam com outros estabelecimentos coreanos modernizados localizados principalmente na Rua Três Rios. Chamou-nos atenção que a medida em que esses lugares se “abriam” para pessoas “estranhas” como nós, eles também iam perdendo muitos dos traços tradicionais e assumindo uma roupagem renovada.

O arcaico x modernizado

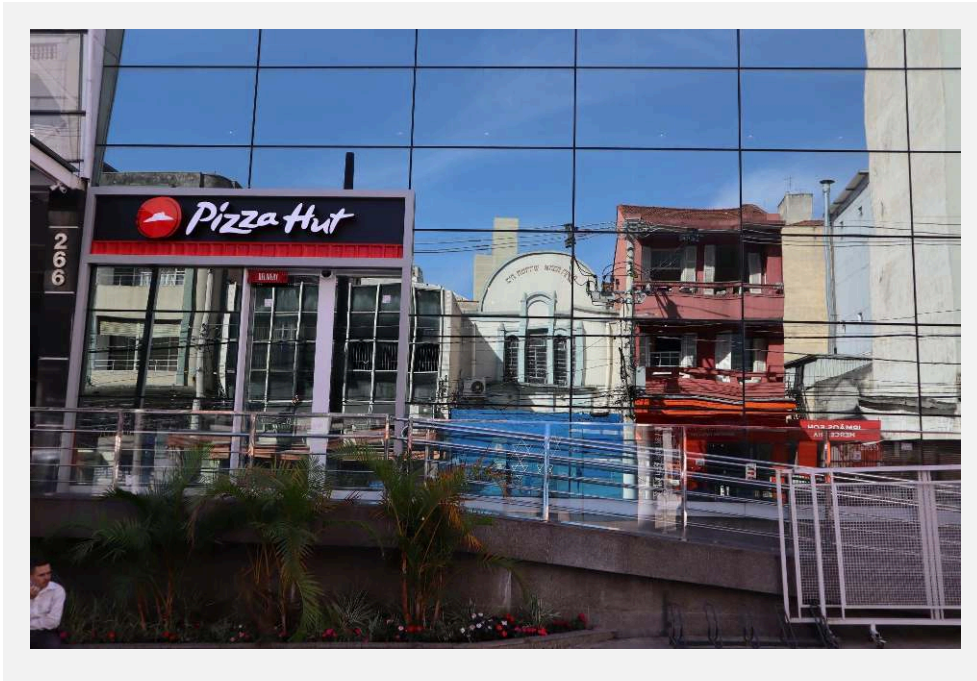
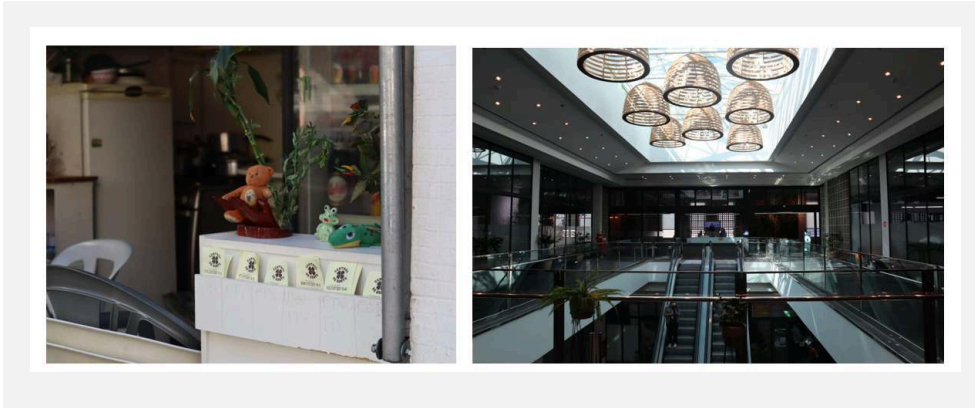


Imagem 12: Reflexo na fachada de vidro do shopping K-Square. Arquivo pessoal. Jul/2021.

- 24 Este retrato contrapõe a fachada espelhada do shopping “K-Square” às construções do outro lado da rua refletidas nela: uma sinagoga, uma loja de materiais de construção e uma mercearia coreana. Esta é uma imagem privilegiada para se pensar as tensões que existem na rua Guarani entre os espaços arcaicos, via de regra mais antigos, e os novos espaços modernizados com seus ares renovados – conflito este que perpassa transformações urbanas por quase todo a área central de São Paulo, num processo similar ao que o bairro da Santa Cecília passou na década de 2010.
- 25 Importante tentar explicar o que chamamos por “modernizado” neste texto (conceito que foi difícil precisar conceitualmente, ainda que nos fosse evidente numa rápida observação): aqueles estabelecimentos que passaram por alguma reformulação de roupagem em um passado recente, com investimento de capital na reforma de sua fachada e interiores, formulação de uma marca e identidade visual própria, aumento no preço dos produtos etc. Esse processo demarca uma ruptura com o passado, no ofuscamento ou perda de referencial daquilo que se colocava como anterior naquele lugar, criando uma atmosfera de impessoalidade e adequação com as tendências e narrativas comerciais do momento.



Imagens 13 e 14: Bancada de jogo do bicho com bichinhos kitsch, e o interior do K-Square. Arquivo pessoal. Jul./2021.

- 26 Ao apontarem para uma percepção genérica desses lugares em relação à cidade, esses espaços modernizados são produtos de um investimento e por consequência uma aposta imobiliária na valorização do bairro, atrelada a um processo de gentrificação. Ou seja, essa reformulação do espaço envolve também uma escolha do público que o frequenta – visível na típica transformação da “padoca” que se abre para a rua na “padaria” com catraca. Um espaço que antes aceitava quase qualquer um, se volta exclusivamente a um público mais endinheirado; empurrando os mais pobres para fora do ‘alto Bom Retiro’. Dada a proximidade que o Bom Retiro tem com a região da assim chamada Cracolândia, os inúmeros moradores de rua e pedintes são colocados como ‘empecilhos’ para uma plena gentrificação do bairro.
- 27 Por outro lado, a escolha do termo “arcaico”, em oposição a “modernizado”, se deu a partir de definições que o dicionário virtual Dicio dá ao termo: “3. Que pode ser considerado fora de moda: tendência arcaica; 4. Que se pode referir a uma fase anterior: o inglês arcaico; período arcaico da arquitetura barroca”, apresentando uma estética vista como ultrapassada, e que não é mais a tendência nos movimentos recentes de transformação da cidade. Vale esclarecer ainda que nem todo espaço tradicional, isto é, que existe há muitos anos, se mantém como arcaico, uma vez que muitos passam por reformas modernizadoras; assim como nem todos os espaços abertos recentemente podem ser chamados de “modernizados” – a opção pelos termos está muito mais atrelada a uma noção estética e do público a qual o espaço se volta do que pela idade do local.
- 28 Após o encerramento de nossas saídas de campo, em meados de 2021, novas problemáticas se estabeleceram no trecho do bairro onde a Rua Guarani está inserida. Determinados grupos coreanos começaram a articular um processo de ‘etnização’ deste pedaço do Bom Retiro para transformá-lo em “Koreatown”. Tal projeto, liderado pelo consulado e empresariado sul-coreano, é exposto como um processo de *embelezamento* e *revitalização*, ao caracterizar as ruas do bairro com símbolos iconográficos da cultura pop coreana. Nesse sentido, nos parece contraditório o ímpeto modernizador que visa criar uma paisagem hegemônica do bairro por certos grupos desta comunidade, em relação a experiências mais reservadas das portas ‘semifechadas’ que observamos nos restaurantes e estabelecimentos da Rua Guarani, mais voltados a costumes tradicionais de usos comunitários. O que mostra que dentro de uma mesma comunidade étnica existem dinâmicas desiguais, ao mesmo tempo ‘arcaicas’ e ‘modernizadas’, em choque entre si.

Novos imigrantes



Imagens 15 e 16: Vendedores ambulantes, judeu e boliviana. Fontes: Acervo AHJB (déc. 1940) e Arquivo pessoal (Jul./2021).

- 29 Deslocados nesses espaços de ares modernizados, os novos imigrantes que chegam no bairro tendem a se ligar primeiro a dinâmicas informais e arcaicas, tipificadas em figuras como as do mascate ou do vendedor ambulante. Nas imagens acima, por exemplo, vemos um vendedor judeu da primeira metade do século XX, e uma vendedora de pães e bolinhos boliviana que apresenta seus produtos em um pedaço de feira hoje em dia – apesar das temporalidades distantes, a situação carrega bastantes semelhanças imagéticas da situação de recém-imigrados “se virando” com trabalhos informais na busca de acumulação de capital, estruturação e melhora de situação de vida.
- 30 Isso se liga a outra percepção que tivemos na primeira semana de campo. Saíamos para a feira sempre com nossos cartões, uma vez que desde o começo da pandemia praticamente só usamos essa forma de pagamento, e não dinheiro físico, para adquirir o que precisamos. Na feira, contudo, ainda que a maioria das barracas aceitasse pagamento no cartão, não ter dinheiro físico nos afastava da possibilidade de comprar das pessoas em situação de maior informalidade e vulnerabilidade, como as ambulantes bolivianas da foto acima; ou outra família boliviana, com seu “tabuleiro” de produtos típicos do país natal, que foi excluída do espaço de feira, então precisava ficar escondida atrás das outras barracas; o homem que passava caminhando e vendendo alho pela feira; ou ainda da mulher que vende ovos na rua Amazonas, uma travessa da Guarani.

Conclusão



Imagem 17: Esquina da Guarani com a Amazonas. Arquivo pessoal. Jul/2021.

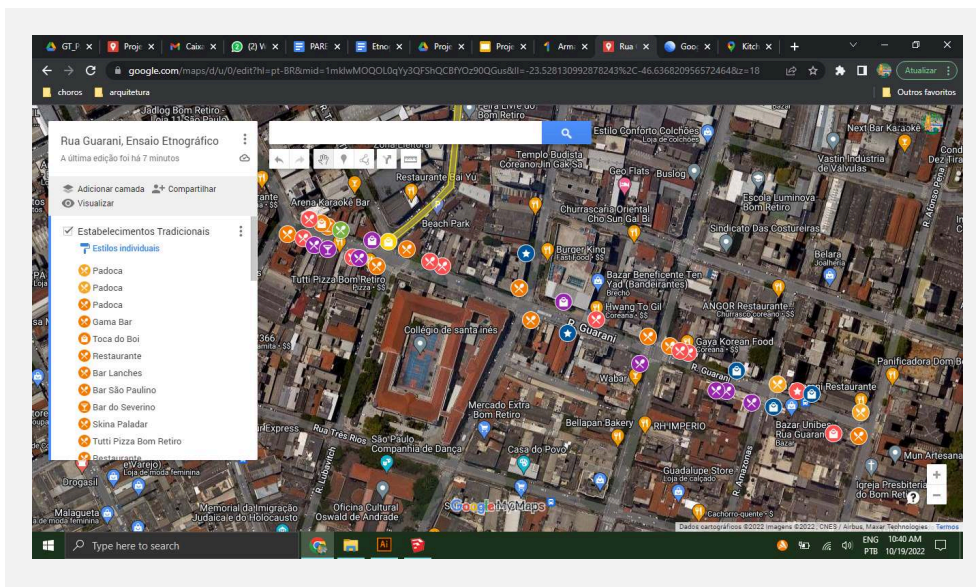
- 31 No anoitecer de uma sexta-feira, na esquina da rua Guarani com a Amazonas registramos uma cena de um momento de lazer, em um boteco que adentrava para a calçada, onde dois coreanos preparam um ‘churrasquinho’; simultaneamente, passava por ali um grupo de judeus ortodoxos em direção à sinagoga para a celebração do Shabat⁴. Essa cena é interessante para pensar sobre os muitos ‘Bom Retiros’ que existem dentro do Bom Retiro para seus habitantes, como cada uma das comunidades imigrantes geram dinâmicas autônomas ao redor de seus lugares e narrativas, ao mesmo tempo em que cruzam e são atravessadas pelas culturas dos vizinhos.
- 32 Observamos a constante presença de elementos simbólicos referenciais de cada cultura, como as bandeiras de Pernambuco e do Paraguai, as luminárias coreanas, ou as mezuzot judaicas, que demarcam as identidades comunitárias, mas ao mesmo tempo se expandem para uma leitura de um imaginário urbano transcultural daquela rua.
- 33 Residindo no espaço que etnografamos, tivemos nossa dinâmica de vida urbana completamente ressignificada por essa observação, de maneira que um passeio ou uma ida à padaria para comprar pãozinho deixaram de ser “só” isso, mas um momento ativo de busca ou percepção das dinâmicas, movimentos, figuras, espaços e particularidades dessa rua e do Bom Retiro. Bem como nosso próprio papel de moradores-pesquisadores cada vez foi se tornando mais autoconsciente e refletido.
- 34 A escrita deste experimento etnográfico resultou em observações e análises bastante profícuas para nós, e a lapidação de algumas reflexões que vínhamos fazendo em um território que é atravessado por intensas transformações. Ainda, essa posição não passiva, de não estar só à deriva e recebendo da cidade, mas de estar ativamente

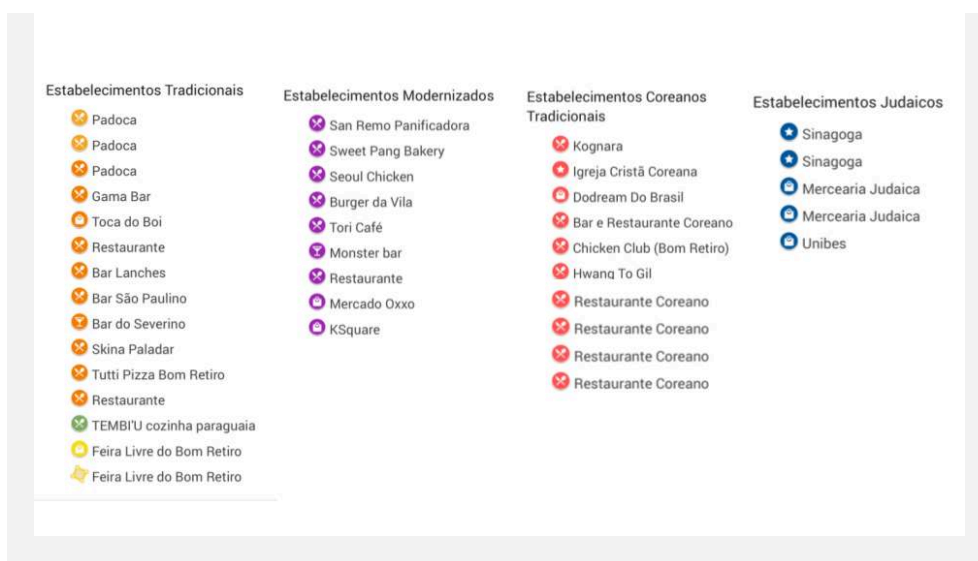
buscando pessoas e espaços novos para encontrar e interagir também nos trouxe outro olhar e novas relações de proximidade ou conhecimento com as figuras da Rua Guarani.

- 35 Vale mencionar também a realização desta etnografia em dupla, por um arquiteto e um cientista social; o que trouxe distintas preocupações, olhares e intenções para a pesquisa, e exigiu um constante debate e troca de observações e pensamentos, e um exercício bastante interessante de escrita conjunta. Por fim, o Bom Retiro é um bairro com o qual temos uma ligação afetiva. Foi aqui que se estabeleceram nossos avós, imigrantes judeus, quando chegaram refugiados dos diversos eventos que os trouxeram para o Brasil; aqui também que nossos pais cresceram, e de alguma forma transmitiram a nós o apreço e o afeto por essa região de São Paulo, por onde circulamos há muitos anos e agora residimos - e sem dúvida isso enviou nossa percepção sobre a rua.
- 36 Este ensaio foi uma maneira de aliar muitos interesses nossos, como se pode ver nos parágrafos acima, e de realizar uma pesquisa com enorme interesse e prazer pessoal e acadêmico. Sabendo, ainda, que há muito a se desenvolver.

Anexos

Mapa 3: Rua Guarani e seus estabelecimentos (Out./2022)





Mapa 3: Estabelecimentos da Rua Guarani. Fonte: mapa retirado do Google Maps com pontos indicativos de estabelecimento adicionados pelos autores.

Listagem dos estabelecimentos da Rua Guarani em Julho de 2021⁵:

- 37 Botecos de esquina⁶: 7
- 38 Jogo do bicho: 4
- 39 Restaurantes: 17
- 40 Arcaicos comum⁷: 4
- 41 Tradicionais coreanos: 8
- 42 Modernizado comum: 3
- 43 Modernizado coreano: 3
- 44 Tradicional paraguaio: 1
- 45 Salões de Beleza / Cabeleireiros: 9
- 46 Coreano: 4
- 47 Comum: 5
- 48 Mercados/Mercearias: 14
- 49 Modernizado coreano: 2
- 50 Tradicional coreano: 4
- 51 Tradicional comum: 4
- 52 Tradicional judaico: 1
- 53 Açougue tradicional: 3
- 54 Padaria: 2
- 55 Tradicional comum: 1
- 56 Modernizada coreana: 1
- 57 Templos religiosos: 2

- 58 Sinagoga: 1
 - 59 Igreja Evangélica coreana: 1
 - 60 Outros estabelecimentos:
 - 61 Agência de turismo
 - 62 Bazar de usados
 - 63 Imobiliária Judaico-Coreana
 - 64 Mecânico
 - 65 Casa de construção
 - 66 Hotel tradicional
 - 67 Shopping modernizado
 - 68 Casa de materiais de limpeza
 - 69 Balada modernizada
-

BIBLIOGRAFIA

CHI, Jung Yun. **O Bom Retiro dos coreanos. Descrição de um enclave étnico**. São Paulo, 2016. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

CHO, Paulina Yeal. Que mugunghwa não seja uma erva daninha. São Paulo, 2022. **A muitas mãos: K-Pop e o potencial social do fandom**. Sol Archer (org.). pp. 133-141. Publication Studio São Paulo.

FELDMAN, Sarah. “Bom Retiro: bairro múltiplo, identidade étnica mutante.” ANAIS DO XV Encontro Anais do XV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional 01.01, 2013.

NEISTEIN, Gabriel. **Dois minutos de passeio pela feira da Rua Antônio Coruja**, 22 de julho de 2021: [Feira do Bom Retiro, olhar antropológico](#).

NEISTEIN, Gabriel. **Mapa dos estabelecimentos da Rua Guarani - Bom Retiro**, 19 de outubro de 2022: [Rua Guarani, Ensaio Etnográfico](#)

MAGNANI, J. Guilherme C. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. Ed. Terceiro Nome, São Paulo, 2012.

MAGNANI, J. GUILHERME – “Antropologia Urbana: desafios e perspectivas”. In **Revista de Antropologia**, vol. 59, nº. 3, 2016.

NOVAES, Sylvia Caiuby. 2014. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de arte e antropologia**, v. 3, nº 2, p. 57-67.

TRUZZI, Oswaldo. “Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo”. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

NOTAS

1. <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/06/rua-tres-rios-no-centro-de-sp-e-considerada-uma-das-vias-mais-bacanas-do-mundo.shtml>
 2. Amuleto religioso judaico, que se coloca nos batentes das portas e portões das casas, e por vezes de comércios e estabelecimentos, para proteção.
 3. Pequeno barrete que os judeus (e também o Papa) utilizam em suas cabeças por motivos religiosos – também conhecido como *kipá* ou *yarmulke*.
 4. “Sábado”, o dia do descanso judaico, que começa no anoitecer de sexta-feira.
 5. Não nos comprometemos quanto à exatidão ou precisão desta lista. É resultado de um rápido passeio contábil pela rua.
 6. É relevante ressaltar que um número grande dos botecos do Bom Retiro têm donos, funcionários e boa parte de suas clientela nordestinas.
 7. Optamos pelo uso do termo *comum* para nos referir aos estabelecimentos que – a partir de uma noção do senso comum – não demonstram traços étnicos específicos, em seus nomes ou produtos, que os diferenciem da maior parte dos estabelecimentos similares que existem no centro de São Paulo.
-

RESUMOS

O presente experimento etnográfico consiste numa observação de dinâmicas, personagens e estabelecimentos da Rua Guarani, localizada no bairro do Bom Retiro, no centro de São Paulo. A partir de passeios etnográficos realizados no dia da feira, buscamos observar a diversidade dos espaços da rua, a convivência de estabelecimentos tradicionais e modernizados, bem como dos diferentes grupos que habitam, trabalham, trafegam e interagem no espaço, especialmente os imigrantes coreanos, judeus, hispano-americanos e migrantes nordestinos – evidenciando as possíveis tensões e contradições que perpassam a vivência e os processos de transformação que acontecem nesta rua. Privilegiamos observações de personagens e estabelecimentos particulares perante narrativas gerais, amplas e totalizantes, levantando algumas questões que nos pareceram dignas de atenção. Ainda, fizemos uso da fotografia como ferramenta de apoio para nossa análise. Por fim, importante ressaltar o lugar de pertencimento de onde a observação dos autores – moradores do bairro e judeus – parte, sem se ausentar da participação nas dinâmicas próprias do bairro e de recortes direcionados a partir de suas, não objetivas e não distantes, percepções e vieses.

The present ethnographic experiment consists of an observation of dynamics, characters and establishments of Rua Guarani, located in the Bom Retiro neighborhood, in the center of São Paulo. Based on ethnographic tours carried out on the day of the street market, we sought to observe the diversity of street spaces, the coexistence of traditional and modernized establishments, as well as the different groups that inhabit, work, travel and interact in the space, especially immigrants: Koreans, Jews, Hispanic-Americans and Northeastern migrants – highlighting the possible tensions and contradictions that permeate the experience and the transformation processes that take place on this street. We privilege observations of characters

and particular establishments in the face of general, broad and totalizing narratives, in a “flight” over the street, raising some questions that seemed worthy of attention. We also made use of photography as a support tool for our analysis. Finally, it is important to highlight the place of belonging from which the authors - residents of the neighborhood and jews - depart, taking part in the participation in the dynamics of the neighborhood and directed from their own, non-objective and not-distant, perspectives and biases.

ÍNDICE

Keywords: Bom Retiro, ethnography, urban anthropology, immigration, urban imaginaries

Mots-clés: Bom Retiro, etnografia, antropologia urbana, imigração, imaginários urbanos

AUTORES

ERNESTO MIFANO HONIGSBERG

Mestrando no Programa de Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) e Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. ernesto.honigsberg@usp.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5718-2269>

GABRIEL NEISTEIN LOWCZYK

Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. gabriel.lowczyk@usp.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9669-3686>